

ANÁLISE DA COBERTURA DE PROBLEMAS AMBIENTAIS PELO JORNAL ONLINE “CORREIO DA BAHIA” (SALVADOR/BA)

Analysis Of Environmental Problems Coverage By Online Journal “Correio Da Bahia” (Salvador/BA)

Análisis De La Cobertura De Problemas Ambientales Por El Periódico Online “Correio Da Bahia” (Salvador/BA)

Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues¹

Maria Clara Guimarães da Costa Moura^{2, 3}

RESUMO

Apresenta-se aqui os resultados da pesquisa que visa a qualidade das coberturas jornalísticas sobre problemas ambientais no jornal online “Correio da Bahia” (Salvador/BA). Pelas inúmeras catástrofes que veem pairando sobre o planeta, a humanidade, começou a pensar mais na questão ambiental e em como diminuir seus impactos formando, assim, um pensamento sustentável. A pesquisa, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Comunicação, Cultura e Amazônia (Trokanó), teve como propósito buscar notícias sobre os problemas ambientais em parte da Região Nordeste e analisar como são apresentadas ao seu público. Ao final, podemos analisar como o jornalismo ambiental está presente na vida dos brasileiros e se, estas informações são de entendimento dos leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Correio da Bahia; Jornalismo; Matérias; Pesquisa; Sustentabilidade.

¹ Doutor e mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas. Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas – Faculdade de Informação e Comunicação (FIC-UFAM). E-mail: allan30@gmail.com.

² Estudante de Graduação em Comunicação Social/Jornalismo, Universidade Federal do Amazonas (FIC-UFAM). E-mail: mariacguima@gmail.com

³ Endereço do(s) autor(es) (por correspondência): Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Informação e Comunicação. Av. General Rodrigo Otávio 6200, Coroado I, 69080-900 – Manaus - AM

ABSTRACT

This article presents the results of the research on the quality of journalistic coverage of environmental problems in the online newspaper "Correio da Bahia" (Salvador / BA). Through the numerous catastrophes that have been floating around the planet, humanity has begun to think more about the environmental issue and how to reduce its impacts, thus forming sustainable thinking. The research, developed by the Research Group on Communication, Culture and Amazonia (Trokano), aimed to seek news about environmental problems in part of the Northeast Region and analyze how they are presented to their public. In the end, we can analyze how environmental journalism is present in the lives of Brazilians and, if this information is understood by the readers.

KEYWORDS: Correio da Bahia; Journalism; Matter; Search; Sustainability.

RESUMEN

Este artículo presenta los resultados de la investigación dirigida a la calidad de la cobertura periodística sobre problemas ambientales en el periódico en línea "Correio da Bahia" (Salvador / BA). A través de las numerosas catástrofes que se ciernen sobre el planeta, la humanidad ha comenzado a pensar más sobre el tema ambiental y cómo reducir sus impactos, formando así un pensamiento sostenible. La investigación, desarrollada por el Grupo de Investigación de Comunicación, Cultura y Amazonía (Trokano), tuvo como objetivo buscar noticias sobre problemas ambientales en parte de la Región Nordeste y analizar cómo se presentan a su audiencia. Al final, podemos analizar cómo el periodismo ambiental está presente en la vida de los brasileños y si los lectores entienden esta información.

PALABRAS CLAVE: Correio da Bahia; Periodismo; Materiales; Investigación; Sostenibilidad.

Recebido em: 24.06.2019. Aceito em: 09.08.2019. Publicado em: 01.09.2019.

Introdução

O trabalho teve como objetivo principal, analisar as qualidades das coberturas jornalísticas sobre problemas ambientais do jornal online Correio da Bahia (Salvador/BA). Com intuito de contribuir pra qualificação das matérias sobre problemas ambientais, este projeto de pesquisa analisou a qualidade e a quantidade de matérias de um dos grandes jornais online da região Nordeste, o Correio da Bahia (SALVADOR/BA

<http://www.correio24horas.com.br/>), responsável por 51 notícias das quais 40 foram analisadas, durante o período de setembro de 2017 a março de 2018, como matérias sobre problemas ambientais.

Utilizando como base textos teóricos, podemos contribuir com a qualificação dos veículos de comunicação de forma a investigar como as informações chegam a população. O assunto acaba por se tornar relevante pois os problemas ambientais estão cada vez mais presentes nos altos índices de

poluição, desmatamento, enchentes e extinção da fauna e da flora.

A pesquisa dá amplitude ao projeto de pesquisa, aprovado no Edital 043/2013 do CNPq, finalizado em 2015, e ao projeto de pesquisa "Comunicação, Ciência e Meio Ambiente: análise da cobertura jornalística de problemas ambientais nas regiões Sudeste e Sul", aprovado no Edital Jovens Doutores N° 041/2016 PROPESP/UFAM. Ampliando os projetos de pesquisa citados, o Grupo de Pesquisa Comunicação Cultural e Amazônia (Trokan), por meio do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo na e sobre a Amazônia (LABJAM), pode-se, assim, fazer estudos comparativos com outras regiões, já estudadas, quanto apresentar um diagnóstico nacional sobre o tema e como ocorrem a troca de informações jornalista x público.

O jornalismo, com seu papel de informar, tem a necessidade de apresentar as notícias para que a sociedade tome decisões sobre o melhor

modelo para sua sociedade. O discurso jornalístico pode contribuir para a compreensão dos impactos da degradação ambiental. A constatação de que o planeta sofre todos os dias com os problemas ambientais pode impactar no futuro das gerações e talvez, a extinção da humanidade pode não estar tão distante.

A continuidade de um modelo econômico que visa o bem estar próprio sem pensar nas consequências futuras pode causar danos ainda maiores. É importante trazer cada vez mais informações e que sejam, principalmente, acessíveis a sociedade. O jornalismo pode trazer informação e gerar curiosidade para a busca das informações que ajudem não só a humanidade, mas também o meio em que vivem.

Fundamentação Teórica

Foram utilizados, como método de pesquisa, estudos qualitativos e quantitativos nas coberturas jornalísticas. Seus princípios norteadores tem os gêneros científico e ambiental como

elementos específicos. Para garantir uma melhor qualidade da informação, o jornalismo incorporou uma série de valores sociais e morais que visavam repassar ao seu público uma notícia de boa qualidade e conseguir o que Hymes (1980) chama de comunidade interpretativa. Adotando a proposta de dois pesquisadores, Kovach e Rosenstiel (2003), que após 300 entrevistas com jornalistas, organizaram uma lista com nove princípios capazes de permitir ao jornalismo alcançar sua finalidade.

- **A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade:** o primeiro compromisso do jornalismo deve ser com a verdade (PENA, 2005). Torna-se necessário esclarecer que trabalhamos com o conceito de Kovack e Rosenstiel (2003) no qual a verdade jornalística é diferente da verdade filosófica, pois a primeira é construída paulatinamente, matéria a matéria, visando o entendimento do fato no todo. A verdade almejada pelo jornalismo

é, portanto, um processo contínuo na busca pela construção da realidade.

- **Sua primeira lealdade é com os cidadãos:** esse princípio nos leva a uma pergunta inicial: para quem trabalham os jornalistas? Uma resposta calcada no modo capitalista de produção indica que são empregados do capital, ou seja, das empresas privadas que enxergam a produção e circulação de informações como negócio rentável. Chamamos de independência jornalística o fato de o jornalismo ser financiado pelo setor privado, mas servir aos interesses públicos (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003).
- **Sua essência é a disciplina da verificação:** Aproximar-se da verdade é servir ao interesse público e para isso faz-se necessária uma disciplina de verificação das informações publicadas. Para Kovach e Rosenstiel (2003), essa disciplina

da verificação separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte. “Os repórteres devem ser obstinados em sua missão, além de disciplinados na luta para ir além de sua própria perspectiva dos fatos” (p.142).

- **Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem:** para Chaparro (2001), a organização e a capacitação discursiva das fontes são a mais importante modificação ocorrida nos processos jornalísticos nos últimos quarenta anos. Kovach e Rosenstiel (2003) advertem que proibições rigorosas não garantirão que um jornalista permaneça livre de engajamentos pessoais ou intelectuais.
- **O jornalismo deve ser o monitor independente do poder:** o princípio de guardião do interesse público do jornalismo se aplica tanto às ações do governo quanto aquelas das demais instituições

poderosas da sociedade (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Cabe aos jornalistas romperem com a concepção de bipolarização (jornalismo versus governos) dos conflitos do poder, pois há sempre um terceiro polo que precisa ser levado em consideração e ganhar identidade: o povo.

- **O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso com o público:** segundo Kovach e Rosenstiel (2003), convém evitar abordar os lados extremos de um assunto, pois exclui a maioria dos cidadãos e dificilmente são conciliatórios. Quando este princípio não é observado o espaço para o fórum de discussões passa a ser ocupado pelo espetáculo e até mesmo pela ficção. Pena (2005) aponta, nesses casos, uma substituição das discussões de causas públicas e valores éticos por outro em que as representações da realidade

interagem com o espetáculo, a simulação e a imagem virtual.

- **O jornalismo deve empenha-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante:** esse princípio refere-se a dois aspectos do trabalho jornalístico: a escolha das notícias (o que é significativo) e a produção do texto (tornar as histórias interessantes). Em relação ao primeiro aspecto, Pena (2005) considera que revelar o modo como as notícias são produzidas é mais do que a chave para compreender seu significado, é contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade.
- **O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional:** sua verdade se baseia numa cobertura que não deixe assuntos importantes de fora e, ao mesmo tempo, seja proporcional. O jornalismo informa os cidadãos como viver em sociedade.

- **Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência:** o último, preconiza que todos os jornalistas devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade, uma bússola moral (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). O profissional da notícia deve perceber que tem uma responsabilidade de dar voz, bem alta, a sua consciência e permitir que outros ao seu redor façam a mesma coisa. A sociedade espera do jornalismo o relato verídico dos acontecimentos e a explicação isenta dos fatos e contextos.

É o jornalismo que pode ajudar na qualificação do nível de informação social. O jornalismo científico é quem atua com a promoção da ciência e tecnologia por meio da comunicação de massa, seguindo critérios e sistemas de produção. É por isso que o papel do jornalista é apresentar conceitos e contextos que cabem dentro do jornalismo científico. “Nesse sentido, a mídia tem um papel fundamental: o de

manter as pessoas informadas sobre as novas conquistas científicas para que possam se posicionar diante delas” (IVANISSEVICH, 2005, p.25). Bueno (1984) considera que o jornalismo científico cumpre seis funções básicas, a saber:

- **Função informativa:** permite ao cidadão comum, entender e estar a parte das novas descobertas científicas, além de suas implicações políticas, econômicas e sociais.
- **Função educativa:** o jornalismo científico, as vezes, pode ser a única fonte de informação sobre a ciência e as novas tecnologias.
- **Função social:** manifesta-se pela preocupação em situar a informação científica e tecnológica num contexto mais amplo. Se alinhando aos interesses com os objetivos da produção e da divulgação científica;
- **Função cultural:** o jornalismo científico deve trabalhar em prol da preservação e valorização da cultura nacional e repelir qualquer

tentativa de agressão aos nossos valores culturais;

- **Função econômica:** cabe ao jornalismo científico exercer o papel de contribuir para aumentar o intercâmbio entre os institutos, universidades e centros de pesquisa nacionais e o setor produtivo;
- **Função político-ideológica:** já que, muitas vezes, o jornalismo científico é financiado pelas grandes empresas multinacionais que através dele informam a opinião pública de suas realizações no campo científico e tecnológico, ele deve evitar funcionar apenas como mero reprodutor destes interesses e apenas legitimá-los junto à sociedade.

Bueno (2007), chama a atenção para o fato de que o jornalismo ambiental está em fase de construção de um conceito para além dos limites do jornalismo científico tradicional, do econômico e do cultural. O autor considera que o jornalismo científico

tradicional muitas vezes está comprometido com uma parcela significativa da comunidade científica, preocupada apenas com a continuidade de suas pesquisas, ou seja, a sociedade acaba, muitas vezes, ficando de fora das novas descobertas científicas. De acordo com este autor,

Jornalismo Ambiental, que é jornalismo em primeiro lugar, caracteriza-se por produtos (veículos, de maneira geral) que decorrem do trabalho realizado por profissionais que militam na imprensa, ele está definido tanto pelas matérias/columnas/editoriais/cadernos/ sobre meio ambiente publicados na mídia de massa (imprensa de informação geral ou especializada) como nos veículos ou espaços (de produção jornalística) exclusivamente destinados ao meio ambiente (BUENO, 2007, p.31).

Esse jornalismo ambiental que tem, como função social estar política, social e culturalmente envolvido com o desenvolvimento sustentável e melhor qualidade de vida populacional. Analisando a cobertura que entendemos como as notícias são produzidas.

- **Diversidade de fontes:** as reportagens sobre problemas ambientais precisam ter, além de seu espaço dentre os veículos de comunicação (autoridades, pesquisadores, empresários e políticos, mas com aqueles que ainda não tem o poder da mídia ao seu lado (entidades de classe, líderes comunitários, integrantes de comunidades afetadas pelos problemas ambientais, etc.). As fontes devem vir como contribuição entre o homem e o meio ambiente. “O jornalismo ambiental deve potencializar o diálogo entre o catedrático e o pescador, entre o agrônomo e o trabalhador rural, o mateiro e o biólogo e não deve estigmatizar a sabedoria dos pajés” (BUENO, 2007, p.14).
- **Independência em relação às fontes:** não se deve escolher os assuntos que irão cobrir por conta de fontes que sempre são consultadas. Tautz (2004), afirma

que a independência do jornalismo ambiental em relação às suas fontes permite a ele discutir livremente os rumos de um desenvolvimento que leve em conta as variáveis ambientais. Para o autor, essa postura recupera valores éticos, humanos e sociais do jornalismo estritamente comercial dos conglomerados de informação. “Algo que difira radicalmente do tipo hegemônico de jornalismo que se pratica neste país, em que a agenda de interesses privados se sobrepõe às demandas sociais” (TAUTZ, 2004, p.150).

- **Abrir o espaço para o debate:** quando se privilegia fontes do âmbito acadêmico, do universo político (as autoridades) e da comunidade empresarial o jornalista ambiental incorre em uma atitude elitista, autoritária e não democrática ao retirar o espaço das falas e experiências dos cidadãos comuns (BUENO, 2007).

Ao contrário, diz o autor, a reportagem deve contemplar as controvérsias, o debate, o embate de ideias e opiniões, a fim de fugir do formato apenas de denúncia marcado pela fragilidade que não agrega valor à cobertura ambiental.

- **Evitar o sensacionalismo:** Fonseca (2004) explica que o comportamento sensacionalista da imprensa ocorre devido ao fato desta nem sempre se pautar pelo incentivo ao debate público. A imprensa prefere destacar as catástrofes de forma dura e que cause espanto a seus leitores esperando aumentar sua audiência com notícias que ainda não estão prontas ou que passem algo mais raso e distorcido. As maiores críticas feitas às coberturas da questão ambiental, e com razões, estão relacionadas a forma como a grande imprensa e os sistemas monopolísticos de comunicação do Brasil têm se utilizado do meio

ambiente “com forma de aumentar a audiência, restringindo-se aos acidentes ambientais que integram o circuito viciado da chamada notícia-espetáculo” (BUENO, 2007, p.27).

É importante ressaltar que não se trata de amenizar as questões urgentes e sim estar atento aos discursos que são mostrados na mídia. Tautz (2004) afirma que o atual momento histórico pede a feitura de um tipo de jornalismo que vá além da mera constatação das agressões ambientais ao planeta e incorpore novos paradigmas civilizatórios na cobertura das questões ambientais, como as mudanças climáticas globais.

Profissionais da imprensa sempre tendem a resumir tudo em um âmbito econômico. Uma cobertura criativa e consequente que enxergue, estude e explore as múltiplas conexões existentes entre as variáveis ambientais e o mundo do dinheiro, do comércio exterior e do sistema financeiro ainda é rara na imprensa nacional (SCHARF, 2004).

Mas, por outro lado, Bueno (2007) diz que os aspectos econômicos e científicos relacionados à questão ambiental não podem ser privilegiados em detrimento de outras vertentes como a social, cultural e política. Geraque (2004), considera que o modelo a ser buscado na cobertura jornalística de meio ambiente é aquele que abre espaço para os aspectos sociais e culturais do cotidiano das pessoas, e não apenas os políticos e econômicos. Quando alinhamos o jornalismo com a educação acabamos por promover questões que poder ir além do debate. Dando condição ao cidadão de conhecer o jornalismo ambiental, damos o primeiro passo no desenvolvimento sustentável.

O jornalismo ambiental não pode ser apenas informativo, tem que estar engajado em um modelo de vida sustentável do ponto de vista ecológico social. De acordo com Belmonte (2004, p.35-36),

O jornalismo no contexto urbano é uma ferramenta de educação ambiental. Os veículos de comunicação devem fazer campanhas públicas, informar sobre os novos estilos de vida,

abrir espaço para ideias alternativas, cobrar soluções criativas do poder público. Também é função da imprensa melhorar a qualidade de vida nas cidades. Não se trata de substituir livros didáticos por reportagens de jornais, nem transformar páginas dos diários em apostilas escolares. Eles são complementares (BELMONTE, 2004, p.35-36)

Sua fragmentação decorrente muitas vezes do sistema de produção jornalística, fragiliza a cobertura das questões ambientais (BUENO, 2007). Esse tipo de cobertura leva os jornalistas a ter um olhar míope sobre a questão ambiental, na qual não há preocupação com o contexto das ocorrências, ou seja, as pessoas terminam não sabendo o que aconteceu antes da notícia e suas prováveis consequências (SCHARF, 2004).

Por terem uma proximidade com as causas que buscam mudanças no modelo de desenvolvimento, os jornalistas ambientais participam de projetos revolucionários e que agregam engajamento por seus pares. Autores como Bueno (2007) e Geraque (2004), ressaltam que não significa que estes jornalistas se utilizam de panfletagem ou

são ativistas ambientais. Estes têm a função de revolucionar o comprometimento e mudança de paradigmas, alguém que seja mais do que um interlocutor de opiniões ou reforçador de imagens.

No engajamento, ela se justifica na necessidade de adesão permanente a pedagogia da indignação como dizia Paulo Freire. Este, se refere a capacidade de se indignar com as injustiças e dedicar-se a diminuí-las. Fazer parte da construção de uma vida sustentável não é abandonar a ética e o profissionalismo, e sim, remodelá-las num novo conceito de sociedade que visa a melhora dos problemas ambientais que passamos.

Descrição Metodológica

A metodologia utilizada durante a pesquisa envolve métodos quali-quantitativos. Sua análise de conteúdo se apresenta como uma das formas mais eficientes no rastreamento de informações dada sua excelente capacidade de fazer inferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado

(SANTOS, 1997). Acabando por encontrar outros aspectos que não são possíveis apenas por meio da investigação do que ficou descrito nas matérias.

Melo (2009) ressalta que a importância não vem só da realização de pesquisas relevantes sobre problemas cruciais, mas de explicá-las, de modo compreensível, pelos profissionais que se utilizaram dos resultados no interior do sistema produtivo. Por isso, essa pesquisa tem como base a análise de conteúdo pois, assim, consegue-se detectar tendências e modelos de noticiabilidade, enquadramento e agendamento.

Servindo tanto para descrever e classificar, gêneros e formatos jornalísticos, quanto para avaliar as características que vão desde a produção de indivíduos, grupos e organizações, discrepâncias e para comparar conteúdo jornalístico de diferentes mídias em diferentes culturas. O que se encontra aqui, é a busca pela linguagem que informa os grupos dentro de uma sociedade, como a informação é repassada a diversas pessoas de

diferentes lugares que se encontram dentro de um mesmo ciclo, o ciclo das informações globais.

As premissas para a categorização da análise de conteúdo tiveram como base os princípios gerais do jornalismo (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003) e dos seus subgêneros científico e ambiental (BUENO, 1984) descritos na fundamentação teórica. Definem-se e atuam em cinco categorias: Precisão, Independência, Pluralidade, Contextualização e Sensibilização:

- **Categoria Precisão:** analisa a autenticidade e a precisão das informações publicadas. Traz elementos dos princípios gerais do jornalismo do compromisso com a verdade, da lealdade ao interesse público, da disciplina da verificação e do dever jornalista com sua consciência, bem como uma das qualidades do jornalismo ambiental de evitar o sensacionalismo.
- **Categoria Independência:** analisa se houve problematização das

responsabilidades do poder público frente às causas e efeitos dos problemas ambientais. Agrega o princípio geral do jornalismo de ser um monitor independente do poder.

- **Categoria Pluralidade:** analisa o espaço dado no âmbito das reportagens para as manifestações das diversas vozes envolvidas na questão ambiental. Abrange os princípios gerais do jornalismo de promover um fórum para a crítica e o comentário público e da independência das fontes, e ainda as funções: social, informativa, político-ideológica, cultural e econômica do jornalismo científico.
- **Categoria Contextualização:** analisa a contextualização das causas e consequências das questões ambientais e suas implicações sociais, culturais, econômicas, ambientais e políticas. Reúne as qualidades inerentes ao jornalismo ambiental de procurar evitar a

fragmentação da cobertura e não resumir tudo às questões econômicas.

- **Categoria Sensibilização:** utilização do espaço das reportagens não somente para noticiar fatos ligados à questão ambiental, mas também sensibilizar a população para a necessidade de tomada de decisões esclarecidas. Congrega o princípio geral do jornalismo de apresentar o significativo de forma interessante e relevante, a função educativa do jornalismo e qualidade de procurar aliar jornalismo e educação do jornalismo ambiental.

Depois de estabelecidas as categorias de análise, um formulário contendo questões que, tinha como objetivo averiguar se as reportagens coletadas possuem, dentre seu conteúdo, os elementos que tem como base os princípios do jornalismo bem como seus subgêneros científico e ambiental. As questões foram formadas e distribuídas

de acordo com cada categoria em que estavam inseridas.

Com esta análise de conteúdo, foi possível ligar a cobertura de acordo com os princípios do jornalismo e seus subgêneros ambiental e científico, além de poder identificar quem promove e produz estas notícias. Os resultados obtidos foram analisados de acordo com as cinco categorias desenvolvidas acima, bem como suas perguntas e questionamentos.

Assim, suas averiguações são baseadas de acordo com a qualidade das informações recebidas pelos leitores e, se esta cobertura contribuiu ou não para a formação e a tomada de decisão por parte de seus moradores. Ao final, podemos verificar como está a qualidade das informações científicas e ambientais dentro de cada cobertura.

Resultado Da Análise Das Matérias Na Categoria Independência

Na categoria Independência, buscamos analisar as notícias de acordo com a responsabilidade do poder público

naquele momento (causa e efeito). Se os fatos apresentados seguiam os princípios gerais do jornalismo sendo um monitor independente do poder, das fontes, sua lealdade para com o público e sua consciência.

Na primeira tabela somamos mais de 100% de seu percentual, isso acontece pois numa notícia, podemos ver mais uma fonte em seu desenvolvimento e em sua análise de dados. Com 82,50% vemos que as fontes oficiais predominam as notícias apresentadas, enquanto que 52,50% das fontes tem como principal desenvolvedor ONG's, pesquisadores, sociedade civil e outras sem vínculo com o estado. Não foram detectadas, nas notícias, fontes oficiosas, ou seja, protegidas pelo anonimato.

Categoria Independência 1		Resultados (%)
Qual a natureza das fontes ouvidas na matéria?	Oficiais – mantidas pelo Poder Público	82,50
	Oficiosas – protegidas pelo anonimato	0
	Independentes – ONG's, pesquisadores, sociedade civil e outras sem vínculo com o estado	52,50

Tabela 3
Fonte: pesquisador/2018

Com estes resultados podemos perceber como os jornalistas buscam fontes mais disponíveis durante o fato noticiado. Kovach e Rosenstiel (2003) alertam que negações inflexíveis não assegurarão que um jornalista subsista livre de comprometimentos pessoais ou intelectuais. Mas, é interessante ressaltar que, mais de 50% das notícias, tiveram mais de uma fonte de busca. Pesquisadores e até mesmo a sociedade civil tiveram seu papel, seja na informação científica, seja no conhecimento empírico. Dessa forma notamos que o jornalista vem cada vez mais perto da realidade da sociedade.

A próximas subcategorias, segunda e terceira, relacionam-se com a responsabilidade do governo nas questões abordadas e, se este faz seu papel em frente a questão ambiental. Em 62,50 % dos casos, o jornal não chega a mostrar o papel do governo na questão abordada, e em 77,50 %, o jornalista não chega a questionar o poder público sobre seu papel junto as questões ambientais.

Categoria Independência 2		Resultados (%)
Mostrou aos leitores quais seriam as responsabilidades/papel do poder público na questão abordada?	Sim	37,50
	Não	62,50

Tabela 4

Fonte: pesquisador/2018

Categoria Independência 3		Resultados (%)
Questionou o poder público sobre seu papel na questão ambiental tratada na matéria?	Sim	22,50
	Não	77,50

Tabela 5

Fonte: pesquisador/2018

Com os resultados, podemos perceber que falta muita informação dentro das matérias jornalísticas. O jornalismo aqui, não questiona muito as ideias e não instiga os leitores a procurar mais sobre o que acontece no lugar onde vive. Kovach e Rosenstiel (2003) nos mostram concepções de um jornalismo guardião do interesse público concernente não somente às ações do governo, mas também às demais instituições poderosas que administram a sociedade. O jornalista tem o papel de juntar esses polos pra construir a ponte com os cidadãos e a população.

Quanto a sua efetiva execução das medidas para remediar os efeitos da

problemática ambiental temos 45% das notícias desenvolvidas com excelência. Já a presença, ou falta, de políticas voltadas para a problemática o número cai para 32,50% das notícias.

Categoria Independência 4		Resultados (%)
A reportagem aborda a efetiva execução e a eficiências de medidas do público para evitar/remediar os efeitos da problemática ambiental tratada?	Sim	45
	Não	55

Tabela 6

Fonte: pesquisador/2018

Categoria Independência 5		Resultados (%)
A reportagem abordou a questão da presença ou falta de políticas públicas voltadas para a problemática abordada?	Sim	32,50
	Não	67,50

Tabela 7

Fonte: pesquisador/2018

Na tabela 6 podemos perceber que o público está ciente das causa da problemática ambiental. Trabalhando com quase metade das notícias vemos que o público sabe seu papel para melhorar o meio ambiente e viver de forma sustentável. Uma grande parte, é claro, ainda não 'percebeu' que os problemas ambientais podem prejudicar o planeta

de alguma forma. Por isso, a tabela 7 mostra como estes números estão inseridos na sociedade. Com quase 68%, as reportagens não mostram o que o governo faz para melhorar e/ou remediar os problemas ambientais. Tautz (2004) certifica que a autonomia do jornalismo ambiental em referência às suas fontes permite a ele debater livremente a direção com a qual o desenvolvimento leve em consideração as variáveis ambientais

Considerações Finais

O objetivo geral desta pesquisa foi analisar a cobertura jornalística sobre problemas ambientais que foram descritas e realizadas pelo jornal online Correio da Bahia (SALVADOR/BA – <https://www.correio24horas.com.br/>). Recolhidas 51 matérias, só 40 tiveram a finalidade de abordar os problemas ambientais tanto em cunho local quanto global. Seus resultados foram desenvolvidos ao longo de uma análise de cada uma das cinco categorias que

tem como base os princípios norteadores do jornalismo científico e ambiental.

Foi interessante o exercício de leitura de cada uma das matérias. No jornal online Correio da Bahia (SALVADOR/BA – <https://www.correio24horas.com.br/>) percebemos que suas matérias são curtas, com poucos parágrafos. As matérias também fazem pouco uso de hiperlinks, vídeos e imagens, utiliza-se somente o necessário. As informações apuradas mostraram que as fontes se polarizam em um só lugar e, por isso, as informações centram-se numa fonte só para grande parte das matérias. A maioria destas também se caracterizou por serem tratadas de modo mais isolado. As matérias quase não tem ligação entre si, o que faz com que a população pouco ligue para os fatos abordados.

A categoria Independência, que buscou a análise da problematização das responsabilidades (causa e efeito) dos problemas ambientais e o jornalismo como monitor independente de poder mostrou que as coberturas jornalísticas

dão mais ênfase as fontes de poder público, mais de 80% da pesquisa, para informar seus cidadãos. Foi difícil encontrar fontes anônimas dentro das matérias. A outra parcela de fontes se desenvolvem por meio de ONG's, pesquisadores e membros civis. Mas, mesmo com uma grande parcela do poder público na Independência, pouco se vê dele em sua responsabilidade, mascarando grande parte da notícia e, até mesmo, soltando somente o necessário. Nas reportagens também pouco se viu de medidas e políticas públicas do governo para diminuir os impactos ambientais.

O jornal ainda precisa trabalhar para apresentar ao público matérias contundentes e que apresentem não só a notícia, mas que façam a opinião pública questionar-se acerca dos problemas ambientais e como melhorar/ remediar seus efeitos. O jornalismo e a educação ainda não andam de braços dados e é nosso papel, como jornalistas, não só informar mas também movimentar

questionamentos que transformam a sociedade todos os dias.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70 LDA, 2010.

BELMONTE, Roberto Villar. **Menos catástrofes e mais ecojornalismo**. In: BOAS, Sérgio Vilas. *Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos*. São Paulo: Summus, 2004.

BENTHAM, Jeremy. **An introduction to the principles of morals and legislation**. London: The Athlone Press, 1970.

BORTOLOZZI, Arlêude. **Comunicação, ensino e temática ambiental**. *Comunicação e Educação*, São Paulo, n. 14, p. 42-48, jan./abr. 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36842/39564>>. Acesso em: 17 fev. 2010.

BORGES, P. V.; RODRIGUES, A. S. B. **Análise da sensibilização do jornalismo ambiental no Paraná**. *Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, v. 2, n. 2, p. 107-129, 23 abr. 2018.

BORGES, P. V.; RODRIGUES, A. S. B. **Análise da cobertura de problemas ambientais pelo jornal online Gazeta do Povo**. *Aturá - Revista Pan-Amazônica de*



Comunicação, v. 2, n. 2, p. 130-151, 23 abr. 2018.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Majoara, 2007.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Cia da Letras, 2000.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Linguagem dos conflitos**. Coimbra: Minerva, 2001.

DANTAS, N. A.; RODRIGUES, A. S. B. Análise da contextualização do jornalismo ambiental em Santa Catarina. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 2, n. 2, p. 152-171, 23 abr. 2018.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Gaia, 1993.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GERAQUE, Eduardo. Jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) elos perdidos. In: BOAS, Sérgio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus, 2004.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL Tom (2007) **The Elements of Journalism**, New York, Three Rivers Press.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom (2010) **Blur, How to know what's true in the age**

of information overload, New York, Bloomsburg.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2003.

LEÃO, M. F. DA S. S.; RODRIGUES, A. S. B. Análise da cobertura jornalística de questões ambientais pelo jornal on line "Correio do Povo". **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 2, n. 2, p. 192-205, 23 abr. 2018.

MELO, José Marques de. **Estudos de jornalismo comparado**. São Paulo: Pioneira, 1972.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

RIBEIRO LOPES, A. E.; RODRIGUES, A. S. B.; COSTA, G. S. Análise da contextualização e da sensibilização na cobertura de eventos climáticos extremos pelo jornal online "Folha de São Paulo". **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 2, n. 2, p. 85-106, 23 abr. 2018.

RODRIGUES, A. S. B.; DE MENEZES, G. M.; LOPES, R. DE F. Jornalismo e processos socioculturais na Amazônia: ressonâncias ideológicas na cobertura ambiental. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de**



Comunicação, v. 2, n. 2, p. 19-47, 23 abr. 2018.

SANTOS, J.M. **O que é análise de conteúdo**. São Paulo: Summus, 1997.

TAMBOSI, Orlando. **Elementos (e confusões) do jornalismo**. Disponível em: <https://criticanarede.com/lds_elemjornal.html>. Acesso em: 12 dez. 2017

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005a. v. 1.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, teorias e "Estórias"**. Lisboa, Vega, 1997.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 6ª ed. Lisboa: Presença, 2001.

_____. **Princípios do jornalismo**. Disponível em: <<http://futurojornalismo.org/np4/45.html#.Wl3mzWXmPqD>>. Acesso em: 12 dez. 2017